

## **POR UM CONHECIMENTO AMAZÔNIDA EM COMUNICAÇÃO**

*Não tenho um novo caminho.  
O que tenho de novo  
É um novo jeito de caminhar!*  
Thiago de Mello

Um dos desafios que se impõe para a produção de conhecimentos na contemporaneidade é aquele já apontado por Souza Santos na década de 1980, para quem se trata de atuar em uma sociedade já revolucionada pela ciência. Se, inegavelmente, o conhecimento científico marca tão profundamente nossa sociedade, trata-se agora de fazer “[...] emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente)” (SOUSA SANTOS, 1995, p. 37). Certamente o que aponta Souza Santos é para uma mudança de paradigma, o que não implica em abandonar o conhecimento até aqui construído, mas buscar novos modos para avançar em busca de soluções para as relações e os desafios que estas impõem às sociedades em que vivemos e, no caso particular das ciências sociais, estudamos.

Uma primeira necessidade é o reconhecimento dos lugares onde atuamos como pesquisadores, e esta percepção, como é o escopo da Aturá, se dá na e a partir da Amazônia. Ser espaço para divulgar as pesquisas no campo da Comunicação e preocupadas em problematizar questões da pan-amazônia é o objetivo primeiro, mas que necessariamente leva a outros, um dos mais evidentes a necessidade de identificar chaves interpretativas para o regional a partir de proposições criativas que possibilitem a inovação nos modos de olhar e atuar no local e a partir do local. Neste sentido a produção de conhecimentos na Amazônia parece ter como foco necessário o que Martín-Barbero (2004)

nominou como o **modelo de apropriação do conhecimento**, e que seria o mais presente na América Latina desde meados do século passado e ainda recorrente no continente no princípio deste século.

Este modo de conhecer refere-se ao acionamento de arcabouços teóricos e metodológicos elaborados em espaços geográficos e cognitivos distintos daqueles em que são utilizados, mas com a imposição de reelaborações capazes de tornar possíveis explicações para problemas particulares destes novos lugares (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 240-241). Não se trata então de simples aplicação, mas de um profundo esforço de pensamento que liga arcabouços consolidados às necessidades particulares e que, no limite, pode fazer eclodir soluções criativas não previstas nos modelos originais. Cada novo processo de pesquisa inaugurado na Amazônia leva, em maior ou menor grau, esta marca de apropriação, e tornar estes esforços visíveis é uma necessidade diante da urgência com que se apresentam questões fundamentais para a região, especialmente no campo da Comunicação, que somente ao longo desta última década começa a ser apresentar como área passível de organização e espaço de debate qualificado entre nós.

Ter na apropriação o modelo predominante de atuação para a produção de conhecimentos passa ao largo de argumentos críticos que possam desqualificar os esforços empreendidos. Na lição de Morin, "A necessidade de relacionar, relativizar e historicizar o conhecimento não acarreta apenas restrições e limites; impõe também exigências cognitivas fecundas" (MORIN, 2008, p. 23). Trata-se então de um processo de amadurecimento do pensamento na região e sobre a região, que certamente encontra-se em processo e que, neste momento, parece tensionar teorias e métodos em busca de possibilidades interpretativas para a intersecção entre a região e um campo do conhecimento em particular.

Neste sentido, ganha relevância o esforço de busca pelo que a região pode de fato apresentar como possibilidade inovadora para o campo da Comunicação. Mais uma vez é Morin (2011) quem antes apontou para tal possibilidade, ao propor um pensamento do sul,

ao referir-se à necessidade de novas maneiras de pensar, o que por consequência pede por novos lugares de pensamento. Evidentemente o pensamento do sul não se refere literalmente a um sul geográfico, mas de uma nova direção do pensamento. Ao sul do globo tem sido reservado o papel de periferia do pensamento científico, e é justamente por ser diverso dos lugares consagrados como lugar de construção de conhecimento que pode apresentar novidade. Num alargamento desta noção, os lugares tomados como periféricos são todos seus nos processos de construção de conhecimento, e a Amazônia, periferia dentro do sul geográfico, é sul neste contexto.

É por isso que os espaços para divulgação de pesquisas na Amazônia, para a Amazônia, e a partir da Amazônia, precisam não apenas existir, mas serem qualificados e abertos às possibilidades. Precisam acolher a quantidade crescente de críticas e tensionamentos, de apropriações que podem resultar em esforços de originalidade e abordagem novas capazes de contribuir para a discussão sobre os fenômenos comunicacionais na região e para o campo do conhecimento. É nas diferenças regionais - as distâncias, físicas ou imaginárias, a floresta e os rios como cenário predominante - e nas diferenças internas da região - há a Amazônia dos espíritos da floresta, ameríndia, dos ribeirinhos, e há a Amazônia urbana, que afugenta os espíritos e subverte a natureza - e na unidade contraditória que ambas representam, que os fenômenos se apresentam, e na abordagem destes fenômenos que residem a capacidade de novidade.

A Revista Aturá é um desses espaços, em que o campo da Comunicação encontra a Amazônia, e abre-se como possibilidade para a divulgação e para a problematização sobre este encontro. Acreditamos que qualificar a discussão e especializar um meio de divulgação é fundamental para alcançarmos a realização da proposta, que é antes de tudo oferecer aos pesquisadores, dos mais diferentes níveis de formação, oportunidade de tornar visíveis suas pesquisas. Neste esforço a Aturá, ainda que esteja somente na sua segunda edição, está presente em dezenas de bases de dados internacionais e, dentro da Política de Preservação de Longa Duração e Arquivamento, cada texto publicado é disponibilizado em diferentes

formatos, garantindo não apenas o acesso a partir de diferentes dispositivos e suportes, mas também levando a certeza de que a ausência de um formato não inviabilizará a divulgação dos trabalhos de pesquisa e outros textos publicados. Trata-se de um esforço constante, que tem como finalidade garantir um espaço qualificado, aberto e permanente para o pesquisador em Comunicação que localiza seus objetos de estudo na Amazônia. E neste esforço as adesões também vão se somando.

A partir desta segunda edição o Ama[Z]oom, Observatório Cultural da Amazônia e do Caribe, da Universidade Federal de Roraima, UFRR, liderado pelo professor Vilso Junior Chierentin Santi, soma-se ao Opaje, Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino, da Universidade Federal do Tocantins, UFT, liderado pelo professor Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior, e ao COMtatos, Grupo de Pesquisas em Ecosistemas Comunicacionais, da Universidade Federal de Rondônia, UNIR, liderado pelo professor Sandro Adalberto Colferai, como responsáveis pela iniciativa é que a Aturá, configurando em definitivo a rede pan-amazônica pensada desde o princípio para a publicação. Certamente ainda estamos no princípio da jornada, mas também sabemos que o caminho a seguir é um fim em si mesmo, em que o ponto de chegada é o mesmo da partida: a produção de conhecimento em Comunicação na Amazônia, um conhecimento amazônica em Comunicação.

E nesta edição segunda edição a quantidade e a qualidade dos artigos publicados atestam a oportunidade e a necessidade de tal espaço de divulgação. São 13 artigos enviados por pesquisadores de todas as partes da Amazônia, e que encontram intersecção exatamente naquela que é a proposta da Aturá.

No primeiro artigo desta edição **INICIAÇÃO AO JORNALISMO NO SISTEMA DE ADMINISTRAÇÃO COMPARTILHADA DO COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR: A FORMAÇÃO DE ALUNOS ASSESSORES DE COMUNICAÇÃO**, Luciano Silva Gomes, Maria Lúcia Adriana Silva Gomes, Melânia Kássia Barbosa e Silva e Francisco Gilson Rebouças Porto Junior, expõem o relato de experiência da participação de pós-graduandos do Curso de

Especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como ministrantes de oficinas no Curso de Formação de “Assessores de Comunicação” do Colégio da Polícia Militar (CPM) de Araguaína, em Tocantins, realizado no primeiro semestre de 2016, por meio de Programa/Projeto de extensão “Escola Livre de Jornalismo”.

No artigo seguinte **THE LAST REMAINING LIGHT: O SUICÍDIO DE CHRIS CORNELL ATRAVÉS DA ÓPTICA DO FAIT DIVERS**, Fábio Souza da Cruz e Arthur Freire Simões Pires, discutem a importância global que a pauta “suicídio” tem não só na mídia, mas na sociedade, buscamos no conceito de fait divers, de Roland Barthes, mecanismos para analisar reportagens sobre o auticídio do cantor Chris Cornell, um dos ícones do movimento grunge de Seattle (EUA). A partir de uma abordagem com viés barthesiano, investigam um corpus analítico composto por duas matérias produzidas por dois veículos norte-americanos: a agência de notícias Associated Press e o jornal The New York Times.

Joel Felipe Guindani, Anna Caroline Soares Rocha, Alessandro Mateus Felipe e Victor Augusto Cinquini Tavares, em **PERCEPÇÕES SOBRE CIDADANIA E MEIO AMBIENTE A PARTIR DAS AÇÕES COMUNICACIONAIS DA ONG TERRA VERDE** apresentam questões sobre a relação cidadania e meio ambiente a partir de algumas ações comunicacionais do projeto “Tape I lande - caminho das águas”, da Organização Não Governamental (ONG) Terra Verde, realizado sob o percurso das águas do Rio Uruguai, na fronteira Brasil-Argentina, em que desenvolvem uma discussão acerca de alguns sentidos que constituem a noção de cidadania, enfatizando a possível relação entre cidadania e sustentabilidade ambiental e conexões entre comunicação e cidadania. –

Em **QUANDO O RUÍDO SUPERA A MENSAGEM: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA TRANSMÍDIA E DA PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO NO UNIVERSO DE LOST**, Alexandre Kirst de Souza e Rafael Eisinger Guimarães analisam as estratégias narrativas e comunicacionais que possibilitaram à série televisiva Lost instigar o público a elaborar

conteúdo espontâneo para seu universo ficcional. Para tanto verificam de que forma elementos da narrativa são empregados a fim de criar e manter os mistérios em um enredo.

Luis Munaro, em **AS MÍDIAS E A MODERNIDADE NO INÍCIO DO SÉCULO XX AMAZÔNICO**, discute como as tecnologias de mídia atuaram em consonância e se tornaram potencializadoras da dispersão de hábitos modernos nas cidades amazônicas. O autor fará isso em dois momentos: primeiro pela interpretação da consolidação da palavra impressa por meio dos jornais na Amazônia brasileira como um todo; e em um segundo com uma indagação sobre a importância do cinema e do rádio no quadro de expansão das sociabilidades e modernização das principais cidades amazônicas.

Em **MEDIAÇÕES E CIBERCULTURA: ESTUDO DE COMENTÁRIOS EM MATÉRIA JORNALÍSTICA SOBRE A IMIGRAÇÃO VENEZUELANA EM RORAIMA**, Vângela Maria Isidoro de Moraes e Luan Correia Cunha Santos argumentam que, diante da intensa imigração venezuelana na zona de fronteira localizada nos estados de Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela), os veículos de comunicação nacionais e locais têm abordado cada vez mais o assunto em suas produções, a partir do que questionam: como podemos identificar o influxo do contexto social e das construções históricas nos diferentes sentidos e ressignificações construídos a partir da recepção de tais materiais jornalísticos?

No artigo **O USO DAS REDES SOCIAIS PELO GOVERNO DE RORAIMA COMO FERRAMENTA NA PRÁTICA JORNALÍSTICA**, Vilso Junior Santi e Wesley Oliveira da Luz analisam as matérias postadas na rede social Facebook pelo Governo do Estado de Roraima que viraram pauta no Portal FolhaWeb. Neste estudo procuram mostrar até que ponto o uso do Facebook pelo Governo de Roraima pode ser considerado uma ferramenta na prática jornalística.

Leila Adriana Baptaglin, Rhafael Porto Ribeiro e Raphael Michels Fantinato de Moura, em **QUADRINHOS E A LITERATURA: A IMPORTÂNCIA DE NOVAS FORMAS DE CRIAR NOVOS LEITORES**, também trazem uma análise, desta vez de como os quadrinhos podem ser utilizados como forma de aproximação da leitura e das artes visuais dentro da faixa

etária infanto-juvenil. O recorte de pesquisa utiliza o quadrinho no estilo mangá *The Wedding Eve*, e a obra da literatura brasileira Helena, cada uma utilizando seu estilo de leitura e escrita como meio de descobrir qual consegue adquirir uma melhor afinidade com o leitor.

Por seu turno, em **MÍDIA, RELIGIÃO E GÊNERO: COMO O DISCURSO RELIGIOSO CONTRA A HOMOSSEXUALIDADE É PROPAGADO NO FACEBOOK**, Vângela Maria Isidoro de Moraes e Josué Ferreira Gomes, buscam mostrar como os campos da Religião e Gênero se tencionam dentro da mídia, especialmente na rede social, a partir da veiculação de uma cena de sexo gay da telenovela “Liberdade, Liberdade”.

Gabriela Pereira Melo, no seu artigo **A INEXIGIBILIDADE DO DIPLOMA DE JORNALISTA REFLETIDA NO MERCADO DE TRABALHO ONLINE DA CAPITAL TOCANTINENSE**, busca entender as relações estabelecidas na capital do estado de Tocantins, Palmas, entre jornalistas com formação superior e aqueles que atuam sem tal formação, mesmo tendo oportunizados cursos superiores, e as relações complexas no exercício da profissão neste cenário.

Já João Nunes da Silva, em **A PERSPECTIVA DIALÉTICA E PEDAGÓGICA NA OBRA KIRIKU E A FEITICEIRA**, tem como objetivo central identificar aspectos da obra de Michel Ocelot que favorecem na compreensão da cultura africana, especialmente no que diz respeito à desconstrução de estereótipos e preconceitos. A análise se baseia em trechos do filme no intuito de identificar aspectos centrais que favorecem uma leitura crítica do mundo, como a desconstrução do mito do herói Ocidental que costumamos ver no cinema para a massa.

Em **FORMAÇÃO DOCENTE ONLINE: A INCLUSÃO SOCIODIGITAL PARA ALÉM DO ACESSO ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**, Elaine Jesus Alves e Bento Duarte da Silva apresentam dados parciais de uma investigação sobre as prováveis mudanças que uma formação docente online pode promover na literacia digital e inclusão sociodigital dos professores participantes.



E, no artigo que encerra esta edição de Aturá, Luciana Menezes Carvalho e Bruno José Fiorini, no artigo **NEWSMAKING NO JORNALISMO LABORATÓRIO DIGITAL: PRODUÇÃO JORNALÍSTICA NA AGÊNCIA DA HORA DA UFSM-CAMPUS FW**, buscam identificar o modo com que os estudantes de jornalismo da UFSM, Campus Frederico Westphalen, utilizam a Agência Da Hora como laboratório de práticas jornalísticas e quais valores-notícias utilizam na sua produção.

Boa leitura a todos!

Vilhena-RO, Boa Vista-RR, Palmas-TO, Agosto de 2017.

#### **Editores Gerais / Chief Editor / Editor general**

**Sandro Colferai**, Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Brasil.

**Vilso Junior Santi**, Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil.

**Francisco Gilson Rebouças Porto Junior**, Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.

#### **Referências**

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Trad.: Fidelina González. São Paulo-SP: Edições Loyola, 2004.

MORIN, Edgar. **O método 3** – O conhecimento do conhecimento. Trad.: Juremir Machado. 3. ed. Porto Alegre-RS: Sulina, 2008.





\_\_\_\_\_. Para um pensamento do sul. Trad.: Edgard de Assis Carvalho. // **Para um pensamento do sul** – Diálogos com Edgar Morin. Rio de Janeiro-RJ: SESC, Departamento Nacional, p. 8-21, 2011.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. Porto-Portugal: Edições Afrontamento, 1995.

\_\_\_\_\_. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. // **Epistemologias do sul**. SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (orgs.). Coimbra-Portugal: Edições Almedina, 2009.